

Para
todos
os
garotos
que já
amei

JENNY
HAN

intrínseca



JENNY HAN

Para
todos
os
garotos
que já
amei

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2014 by Jenny Han
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management LCC
e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL
To All the Boys I've Loved Before

PREPARAÇÃO
Marina Vargas

REVISÃO
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H197p

Han, Jenny

Para todos os garotos que já amei / Jenny Han ; tradução
Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.
320 p. ; 21 cm.

Tradução de: To all the boys I've loved before
ISBN 978-85-8057-726-6

1. Ficção americana. I. Winarski, Regiane. II. Título.

15-21313

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Susan — irmãs Han para sempre

EU GOSTO DE PRESERVAR COISAS. NÃO COISAS IMPORTANTES, COMO baleias, pessoas ou a natureza. Coisas bobas. Sinos de porcelana, do tipo que se compra em lojas de lembrancinhas. Cortadores para massa de biscoito que nunca vou usar, porque, afinal, quem precisa de um biscoito com formato de pé? Fitas para o cabelo. Cartas de amor. De todas as coisas que guardo, acho que posso afirmar que as cartas de amor são meus bens mais preciosos.

Guardo-as em uma caixa de chapéu azul-petróleo, que minha mãe comprou para mim em um brechó no Centro. Não são cartas que outra pessoa escreveu para mim; não tenho nenhuma assim. São cartas que eu escrevi. Uma para cada garoto que amei — cinco ao todo.

Quando escrevo, não reprimo nada. Escrevo como se ele nunca fosse ler. Porque não vai mesmo. Cada pensamento secreto, cada observação cuidadosa, todos os sentimentos que guardei dentro de mim, coloco tudo na carta. Quando termino, fecho o envelope, escrevo o endereço e coloco dentro da caixa de chapéu azul-petróleo.

Não são cartas de amor no sentido mais estrito da palavra. Minhas cartas são de quando não quero mais estar apaixonada. São cartas de despedida. Porque, depois que escrevo, aquele amor ardente para de me consumir. Posso tomar o café da manhã sem me preocupar se ele também gosta de banana com cereal; posso cantar músicas românticas sem estar cantando para ele. Se o amor é como uma possessão, talvez minhas cartas sejam meu exorcismo. As cartas me libertam. Ou pelo menos deveriam.

1

JOSH É O NAMORADO DE MARGOT, MAS ACHO QUE EU PODERIA dizer que minha família toda é apaixonada por ele. É difícil saber quem o ama mais. Antes de ele ser namorado de Margot, era só Josh. E estava sempre por perto. Eu digo “sempre”, mas acho que isso não é bem verdade. Ele se mudou para a casa ao lado da nossa cinco anos atrás, mas parece que faz muito mais tempo.

Meu pai adora Josh porque ele é menino, e meu pai vive cercado de meninas. Estou falando sério: ele passa o dia todo cercado por mulheres. Meu pai é ginecologista e obstetra, e também pai de três filhas, então são só garotas, garotas, garotas o dia inteiro. Ele compartilha com Josh o amor por quadrinhos, e os dois também saem juntos para pescar. Meu pai tentou nos levar para pescar uma única vez, mas eu chorei quando meus sapatos ficaram sujos de lama, Margot chorou quando o livro dela molhou, e Kitty chorou porque ainda era um bebê.

Kitty adora Josh porque ele joga cartas com ela e não fica entediado. Ou pelo menos finge não ficar entediado. Eles fazem acordos: se eu ganhar a próxima rodada, você tem que preparar um sanduíche de creme de amendoim crocante com pão torrado, sem a casca, para mim. Essa é Kitty. Em algum momento o creme de amendoim crocante acaba, e Josh diz que é uma pena, mas ela terá que escolher outra coisa. Porém, Kitty enche tanto o saco dele que ele sai e compra, porque Josh é assim.

Se eu tivesse que dizer por que Margot o ama, provavelmente diria que é porque todos nós amamos.

Estamos na sala, e Kitty está colando figuras de cachorros em uma cartolina enorme. Tem papel e pedaços de papel cortado por toda a parte ao redor dela. Cantarolando baixinho, ela diz:

— Quando papai me perguntar o que quero de Natal, vou dizer: “Pode escolher qualquer uma dessas raças e estamos quites.”

Margot e Josh estão no sofá; eu estou deitada no chão, assistindo à tevê. Josh fez uma tigela grande de pipoca, e estou concentrada em comê-la, de punhado em punhado.

Começa um comercial de perfume: uma garota corre pelas ruas de Paris usando um vestido frente única roxo, fino como papel de seda. O que eu não daria para ser essa garota de vestido fino como papel de seda correndo por Paris na primavera! Eu me sento tão de repente que engasgo com um grão de milho que não estourou. Entre acessos de tosse, digo:

— Margot, vamos nos encontrar em Paris nas minhas férias!

Já posso me imaginar girando com um *macaron* de pistache em uma das mãos e um de framboesa na outra.

Os olhos de Margot se iluminam.

— Você acha que papai vai deixar?

— Claro, é cultura. Ele tem que deixar.

Mas eu nunca viajei de avião sozinha. E também nunca saí do país. Será que Margot iria me buscar no aeroporto ou eu teria que encontrar o albergue sozinha?

Josh deve ter visto a preocupação repentina no meu rosto, porque diz:

— Não se preocupe. Seu pai vai deixar se eu for com você.

Eu me alegro.

— É! Podemos ficar em albergues e comer pão e queijo o dia inteiro.

— Podemos visitar o túmulo do Jim Morrison! — diz Josh.

— Podemos ir a uma *parfumerie* e criar nossos próprios perfumes! — digo, e Josh ri com deboche.

— Hã, tenho certeza de que “criar nossos próprios perfumes” em uma *parfumerie* custaria a mesma coisa que uma semana no albergue.

— Ele cutuca Margot. — Sua irmã tem mania de grandeza.

— Ela é a mais elegante de nós três — concorda Margot.

— E eu? — choraminga Kitty.

— Você? — Eu faço um som debochado. — Você é a garota *menos* elegante da família Song. Tenho que implorar para você lavar os pés à noite, e nem estou falando de tomar banho.

O rosto de Kitty se contrai e fica vermelho.

— Eu não estava falando disso, sua pateta. Estava falando sobre Paris.

Faço um gesto distraído com a mão.

— Você é nova demais para ficar em um albergue.

Ela vai até Margot e sobe no colo dela, apesar de ter nove anos e ser grande demais para ficar no colo das pessoas.

— Margot, você vai me deixar ir, não vai?

— Talvez pudesse ser uma viagem de férias em família — sugere Margot, beijando a bochecha dela. — Você, Lara Jean e papai poderiam ir juntos.

Eu franzo a testa. Não era essa a viagem para Paris que eu estava imaginando. Por cima da cabeça de Kitty, Josh faz movimentos labiais: “Conversamos depois.” Eu faço um sinal discreto de positivo.

Mais tarde, na mesma noite, Josh já foi embora. Kitty e nosso pai estão dormindo. Margot e eu ficamos na cozinha. Ela está sentada à mesa, no computador; sento ao lado dela, fazendo bolinhas de massa de biscoito e passando na canela e no açúcar. Decidi preparar biscoitos como uma oferta de paz para Kitty. Mais cedo, quando fui dar boa-noite, ela me deu as costas e não quis falar comigo porque ainda está convencida de que vou tentar cortá-la da viagem a Paris. Meu plano é colocar um prato ao lado de seu travesseiro, para ela acordar com o cheiro de biscoitos recém-assados.

Margot está quieta demais, e então, do nada, ela olha para mim e dispara:

— Terminei com Josh hoje. Depois do jantar.

A bola de massa de biscoito cai dos meus dedos na tigela de açúcar.

— Já estava na hora — completa ela.

Os olhos de Margot não estão vermelhos; acho que ela não chorou. Sua voz está calma e firme. Qualquer pessoa que olhasse para ela pen-

saria que está tudo bem. Porque Margot sempre parece bem, mesmo quando não está.

— Não entendo por que você precisava terminar com ele. Você não é obrigada a terminar só porque vai para a faculdade.

— Lara Jean, eu vou para a Escócia, não para a Universidade da Virgínia. Saint Andrews fica a mais de seis mil quilômetros daqui. — Ela empurra os óculos para ajeitá-los no nariz. — Qual seria o sentido?

Não consigo acreditar que Margot está falando isso.

— O sentido é que é o Josh. Josh, que ama você mais do que qualquer garoto já amou uma garota!

Margot revira os olhos. Ela acha que estou sendo dramática, mas não estou. É verdade, Josh a ama tanto assim. Ele jamais olharia para outra garota.

— Sabe o que mamãe me disse uma vez? — indaga ela, de repente.

— O quê?

Por um momento, esqueço Josh. Porque, não importa o que eu esteja fazendo, se Margot e eu estivermos no meio de uma discussão ou se eu estiver prestes a ser atropelada por um carro, sempre vou parar para ouvir uma história sobre minha mãe. Qualquer detalhe, qualquer lembrança que Margot tenha, eu também quero ter. Mas estou melhor do que Kitty. Ela não tem nenhuma lembrança da nossa mãe que não tenha vindo de nós. Contamos tantas histórias para ela, tantas vezes, que passaram a ser dela. “Lembram aquela vez...”, começa Kitty. E aí, conta a história como se tivesse estado presente e não fosse apenas um bebezinho.

— Ela me aconselhou a não ir para a faculdade namorando. Disse que não queria que eu fosse aquela garota chorando ao telefone com o namorado e dizendo não para as oportunidades, em vez de sim.

A Escócia é o sim de Margot, acho. Distraidamente, pego um punhado de massa de biscoito e enfio na boca.

— Você não devia comer massa de biscoito crua.

Eu a ignoro.

— Josh nunca impediria você de fazer alguma coisa. Ele não é assim. Lembra quando você decidiu concorrer a presidente do corpo estudantil e ele ajudou na campanha? Josh é seu maior fã!

Quando falo isso, os cantos da boca de Margot se curvam para baixo, e eu me levanto e a abraço. Ela afasta a cabeça e sorri para mim.

— Eu estou bem — garante ela. Mas não está, eu sei que não.

— Não é tarde demais, sabe. Você pode ir até lá agora e dizer a ele que mudou de ideia.

Margot balança a cabeça.

— Acabou, Lara Jean. — Eu a solto, e ela fecha o laptop. — Quando vai sair a primeira fornada? Estou com fome.

Eu olho para o timer magnético em formato de ovo na geladeira.

— Mais quatro minutos. — Sento à mesa e digo: — Não ligo para o que você diz, Margot. Esse não é o fim de vocês dois. Você o ama demais.

Margot balança a cabeça.

— Lara Jean — começa, com sua voz paciente, como se eu fosse uma criança, e ela, uma mulher sábia de quarenta e dois anos.

Coloco uma colherada de massa de biscoito debaixo do nariz dela, que hesita antes de abrir a boca. Dou para ela como se ela fosse um bebê.

— Espere para ver, você e o Josh vão voltar logo, logo.

Mas, enquanto falo, sei que não é verdade. Margot não é o tipo de garota que termina e volta por impulso; quando decide uma coisa, é aquilo mesmo. Sem enrolação, sem arrependimento. É como ela disse: acabou, simplesmente acabou.

Eu queria (e esse é um pensamento que tive muitas, muitas vezes, tantas que até perdi a conta) ser mais parecida com Margot. Porque às vezes parece que nunca vai acabar para mim.

Mais tarde, depois de lavar a louça e colocar os biscoitos em um prato ao lado do travesseiro de Kitty, vou para o quarto. Não acendo a luz. Vou até a janela. A luz de Josh ainda está acesa.

2

NA MANHÃ SEGUINTE, MARGOT ESTÁ FAZENDO O CAFÉ E EU ESTOU colocando o cereal nas tigelas, então digo a coisa em que passei a manhã toda pensando.

— Você sabe que papai e Kitty vão ficar muito chateados, não sabe?

Quando Kitty e eu estávamos escovando os dentes, pouco antes, fiquei tentada a contar tudo, mas ela ainda estava com raiva de mim pelo que eu disse ontem, então fiquei quieta. Ela nem mencionou os biscoitos, embora eu saiba que os comeu, porque só sobraram migalhas no prato.

Margot solta um suspiro profundo.

— Então devo ficar com Josh por causa de você, do papai e da Kitty?

— Não, só estou avisando.

— Ele não viria muito aqui, depois que eu fosse embora.

Eu franzo a testa. Não passou pela minha cabeça que Josh pararia de vir aqui em casa depois que Margot viajasse. Ele já tinha o costume de vir bem antes de eles virarem um casal, não vejo por que iria parar.

— Talvez ele venha — digo. — Ele adora a Kitty.

Ela aperta o botão para ligar a cafeteira. Eu a observo com muita atenção, porque Margot sempre fez o café, e, agora que ela vai embora (só faltam seis dias), é melhor eu aprender. De costas para mim, ela responde:

— Talvez eu nem conte para eles.

— Hã, acho que eles vão perceber quando ele não aparecer no aeroporto, Gogo. — Gogo é meu apelido para Margot. — Quantas xícaras de água você botou aí? E quantas colheradas de pó de café?

— Vou anotar tudo para você — garante Margot. — No caderno.

Temos um caderno ao lado da geladeira. Foi ideia de Margot, claro. Nele estão todos os números importantes, os horários do nosso pai e das caronas de Kitty.

— Não se esqueça de colocar o número da nova tinturaria.

— Já coloquei. — Margot corta uma banana para colocar no cereal; cada fatia é perfeitamente fina. — Além do mais, Josh não iria ao aeroporto com a gente. Você sabe o que eu acho de despedidas.

Margot faz uma careta como quem diz: *Argh, emoções.*

Eu sei.

Quando Margot decidiu fazer faculdade na Escócia, eu me senti traída. Apesar de saber que isso ia acontecer, porque é claro que ela faria faculdade em algum lugar distante. E é claro que ela faria faculdade na Escócia e estudaria antropologia, porque ela é Margot, a garota dos mapas, dos livros de viagem e dos planos. É claro que ela nos deixaria um dia.

Ainda estou com raiva, ao menos um pouco. Só um pouquinho. Obviamente, sei que não é culpa dela. Mas ela vai para tão longe, e sempre dissemos que seríamos as irmãs Song para sempre. Margot primeiro, eu no meio e Kitty por último. Na certidão de nascimento, ela é Katherine; para nós, é só Kitty.

Somos as três irmãs Song. Éramos as quatro garotas Song com minha mãe, Eve Song. Evie para meu pai, mamãe para nós, Eve para o resto do mundo. Song é, era, o sobrenome dela. Nosso sobrenome é Covey, com a sílaba tônica no final. Mas o motivo de sermos as irmãs Song, e não as irmãs Covey, é que minha mãe dizia que seria uma garota Song para o resto da vida, e Margot acredita que nós também deveríamos ser. Todas temos Song como nome do meio, e nossa aparência é mais de Song do que de Covey, de qualquer modo, mais coreana do que caucasiana. Pelo menos, Margot e eu; Kitty se parece mais com nosso pai, tem o mesmo cabelo castanho-claro. As pessoas dizem que eu me pareço mais com ela, mas acho que é Margot, com as maçãs do rosto altas e os olhos escuros, quem se parece

mais. Faz quase seis anos, e às vezes parece que ela estava aqui ontem. Às vezes parece que só existiu nos meus sonhos.

Ela havia encerado o piso naquela manhã; estava brilhando, e a casa cheirava a limão e limpeza. O telefone começou a tocar na cozinha, ela foi correndo atender e escorregou. Bateu a cabeça no chão e ficou inconsciente, mas depois acordou e disse que estava bem. Foi o intervalo lúcido. É assim que chamam. Pouco tempo depois, reclamou de dor de cabeça, foi se deitar no sofá e não acordou mais.

Foi Margot quem a encontrou. Ela só tinha doze anos, mas cuidou de tudo: ligou para a emergência, ligou para nosso pai e me deixou cuidando de Kitty, que só tinha três anos. Eu liguei a televisão para Kitty, no quarto de brinquedos, e fiquei com ela. Foi tudo o que fiz. Não sei o que teria feito se Margot não estivesse lá. Apesar de ela ser só dois anos mais velha do que eu, eu a admiro mais do que a qualquer outra pessoa.

Quando descobrem que meu pai é viúvo e tem três filhas, as pessoas balançam a cabeça, admiradas, como se dissessem: *Como ele consegue? Como cuida de tudo sozinho?* A resposta: Margot. Ela é organizada por natureza, com suas etiquetas, seus planejamentos e suas divisões em fileiras regulares e perfeitas.

Margot é uma boa garota, e acho que Kitty e eu estamos seguindo seu exemplo. Nunca coleei, nem fiquei bêbada, nem fumei um cigarro, nem mesmo tive um namorado. Nós brincamos com papai e dizemos o quanto ele tem sorte de sermos tão boas, mas a verdade é que nós é que tivemos sorte. Ele é um ótimo pai. E se esforça muito. Nem sempre nos entende, mas tenta, e é isso que importa. As três irmãs Song têm um pacto silencioso: tornar a vida o mais fácil possível para nosso pai. Por outro lado, talvez não seja tão silencioso assim, porque quantas vezes já ouvi Margot dizer: “Shhh, fique quieta, papai está cochilando antes de ter que voltar para o hospital” ou “Não incomode papai com isso, você não consegue resolver sozinha?”.

Já perguntei a Margot como ela acha que seriam as coisas se nossa mãe não tivesse morrido. Será que passaríamos mais tempo com o

lado coreano da família, e não só o Dia de Ação de Graças e o Ano-Novo? Ou...

Margot acha que não faz sentido ficar imaginando. Nossa vida é essa; especular não vai mudar nada. Ninguém pode nos dar respostas. Eu tento, tento muito, mas é difícil aceitar esse jeito de pensar. Estou sempre imaginando e especulando sobre outros caminhos.


Nosso pai e Kitty descem na mesma hora. Margot serve uma xícara de café para ele, e eu coloco leite no cereal de Kitty. Ponho a tigela na frente dela, mas Kitty me ignora, pega um iogurte na geladeira e o leva para a sala, para comer vendo tevê. Ela ainda está chateada.

— Vou ao mercado mais tarde, então façam uma lista do que precisarem — pede papai, tomando um grande gole de café. — Acho que vou comprar uns bifes para o jantar. Podemos usar a grelha do quintal. Compro um para Josh também?

Olho para Margot. Ela abre a boca, depois a fecha.

— Não, compre só o suficiente para nós quatro — diz, por fim.

Lanço para ela um olhar de reprovação, mas ela me ignora. Nunca vi Margot perder a coragem antes, mas acho que, nas questões do coração, não dá para prever como uma pessoa vai se comportar.



Quando escrevo, não reprimo nada. Escrevo como se ele nunca fosse ler. Porque não vai mesmo. Cada pensamento secreto, cada observação cuidadosa, todos os sentimentos que guardei dentro de mim, coloco tudo na carta. Quando termino, fecho o envelope, escrevo o endereço e coloco dentro da caixa de chapéu azul-petróleo.

Não são cartas de amor no sentido mais estrito da palavra. Minhas cartas são de quando não quero mais estar apaixonada. São cartas de despedida. Porque, depois que escrevo, aquele amor ardente para de me consumir. Posso tomar o café da manhã sem me preocupar se ele também gosta de banana com cereal; posso cantar músicas românticas sem estar cantando para ele. Se o amor é como uma possessão, talvez minhas cartas sejam meu exorcismo. As cartas me libertam. Ou pelo menos deveriam.

Para todos os garotos que já amei

ISBN 978-85-8057-726-6



9 788580 577266

www.intrinseca.com.br